

Francisco Luiz Pereira da Silva Neto

PREFÁCIO

Falar, pensar e viver as fronteiras sempre foi uma experiência humana importante, de diferentes pontos de vista, mas, especialmente, do ponto de vista sociocultural. Deste último, a forma moderna dominante de trazer a fronteira como questão para âmbito do pensamento confunde-se com desejos de ação política, voltados para a necessidade de os Estados forjarem a identidade própria de um povo; uma identidade coletiva a ser reconhecida através de fronteiras político-administrativas bem estabelecidas e capazes de discriminar a natureza distinta de quem vive de um de outro lado destas mesmas fronteiras. Porém, a dinâmica complexa que caracteriza as relações socioculturais via de regra não se conforma a soluções simples, ainda que impostas por normatividades. Para além dos ordenamentos do poder político, há dimensões de ordem econômica, cultural e afetiva que influenciam na constituição dos espaços sociais através do qual a vida individual e coletiva adquire sentido. Do ponto de vista da cultura, é visto que o ser humano precisa forjar vínculos, mesmo quando esses estão submetidos a uma lógica da separação. Essa condição relacional é bem representada pela vida da fronteira. Lá onde a separação procura se objetivar, surgem diversos “nichos” de vida em comum que tenciona o princípio da separação. Esses “nichos” ficam mais explícitos quando se percebe a fronteira não simplesmente como uma linha político-administrativa que separa dois países, mas como um espaço feito lugar pelas pessoas que o habitam. Neste momento, esses elementos culturais deixam de ser “nichos” e passam a forjar uma “cultura de fronteira”.

Um projeto como o “Caderno Pedagógico – A Fronteira pelos Fronteiriços” tem como grande mérito trazer elementos que sejam capazes de ressaltar a riqueza das experiências individuais e institucionais que forjam a complexidade da fronteira, tanto como espaço vivido quanto como

espaço de poder. Como nos coloca Louise Prado Alfonso, professora e pesquisadora da UFPEL e coordenadora do projeto, a crença é que o “Caderno Pedagógico – Fronteiras pelos fronteiriços” possa contribuir na construção e interpretação da fronteira entre o Brasil e o Uruguai. O aporte que o projeto propõe de diferentes áreas do conhecimento, das artes, assim como de instituições que sustentam construções coletivas, como museus e escolas, isso tudo para pensar a fronteira e seus habitantes, dá a medida da complexidade e da importância do tema. Essa importância se intensifica através do referido projeto pelo seu interesse primeiro em fazer com que as reflexões e ações, promovidas por estes campos do saber e por estas instituições, se incorporem nas referências dos habitantes da fronteira para pensar o seu lugar. Ou seja, trata-se aqui de um esforço louvável de conexão entre o saber produzidos em espaços acadêmicos e o saber produzido pelas pessoas que se constituem e constituem, através de suas experiências, o espaço vivido na fronteira.

Aqui, o esforço em estabelecer conexões efetivas entre o saber acadêmico e os diversos saberes constituidores da vida social está na base da criação do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR), na Universidade Federal de Pelotas. O grupo de professores, estudantes e colaboradores da comunidade que constituem o GEEUR têm como desafio produzir um trânsito efetivo de saberes, apostando na interlocução como um dos caminhos mais promissores e democráticos de se produzir conhecimento. Portanto, não é de forma gratuita que o projeto “Caderno Pedagógico – A Fronteira pelos Fronteiriços”, integra com destaque as diversas ações do GEEUR em seus poucos e profícuos anos de funcionamento. O fato de um grupo voltado para estudos urbanos congregar estudos sobre fronteira é algo aparentemente inusitado, se não levássemos em consideração os rumos das discussões levantadas naquele espaço. Elas nos despertaram a atenção e deram destaque a elementos relacionais da vida social e cultural, onde as separações entre rural e urbano, centro e periferia, margem e centro, deixaram de ser considerados espaços de constituição de realidades substantivas e separadas, e passaram a ser vistos como espaços de criação e conjugação, mesmo que por vezes de natureza muito conflitiva.

Quem desejar acompanhar o GEEUR e o “Caderno Pedagógico – A Fronteira pelos Fronteiriços” nas suas reflexões sobre fronteira saberá que somos conduzidos por autores como Frederik Barth (2000), o primeiro a colocar foco para a natureza criativa da fronteira, colocando a relação conflituosa ou não entre grupos humanos como uma condição fundamental para a produção dos sentidos da vida social, implicando diretamente na constituição de identidades. Ele nos diz, o “outro” somos nós. Também seguimos autores como Hannerz (1999) e Agier (2015), que nos alertam para as dinâmicas dos fluxos criativos presentes nas conformações

culturais, onde a ação individual e coletiva vai estar conectada a movimentos constantes entre a objetivação de referentes culturais e as suas dinâmicas de reinvenção, estes todos movimentos essencialmente históricos. Seguimos também como Appadurai (1986), que mostra como o trânsito de objetos nos revela as dinâmicas culturais que produzem sentido nas sociedades humanas. Enfim, nossa adesão a esses autores como interlocutores é por eles nos fornecerem elementos para afirmar que a vida das pessoas é uma interação constante com diversos elementos culturais, que só podem se tornar realidade quando produzem os sentidos para a ação e tornam a experiência dos habitantes a expressão desta mesma realidade.

Concluindo essa digressão sobre fronteira desde o ponto de vista do GEEUR e do projeto “Caderno Pedagógico – A Fronteira pelos Fronteiriços”, gostaria de lembrar o nosso parceiro Rafael Andreazza, cineasta e diretor do excelente documentário “A Linha Imaginária”, sobre a fronteira Brasil/Uruguai. Ao finalizar a produção do documentário ele ficou com a clara percepção de que a cidade de Pelotas, onde reside e distante cerca de 140 km da fronteira político-administrativa, é parte da fronteira. Ou seja, fronteiras geralmente não são o que parecem ser e seu âmbito de influência e sua capacidade criativa é bem mais ampla do que imaginamos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer cidade: o antropólogo, a margem e o centro. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, p. 483–498, 2015.

APPADURAI, Arjun. **The social life of things: commodities in cultural perspective**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas**. Rio de Janeiro: Contra Capa Libraria, 2000.

HANNERZ, U. Os limites de nosso autorretrato: antropologia urbana e globalização – entrevista concedida a F. Rabossi. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 149–155, 1999.

AUTOR**Francisco Luiz Pereira da Silva Neto**

Professor do Departamento de Antropologia e Arqueologia e do Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas – RS.
E-mail: francisco.fpneto@gmail.com .

Recebido em: 10/04/2017.

Aprovado em: 24/02/2018.

Publicado em: 28/10/2018.